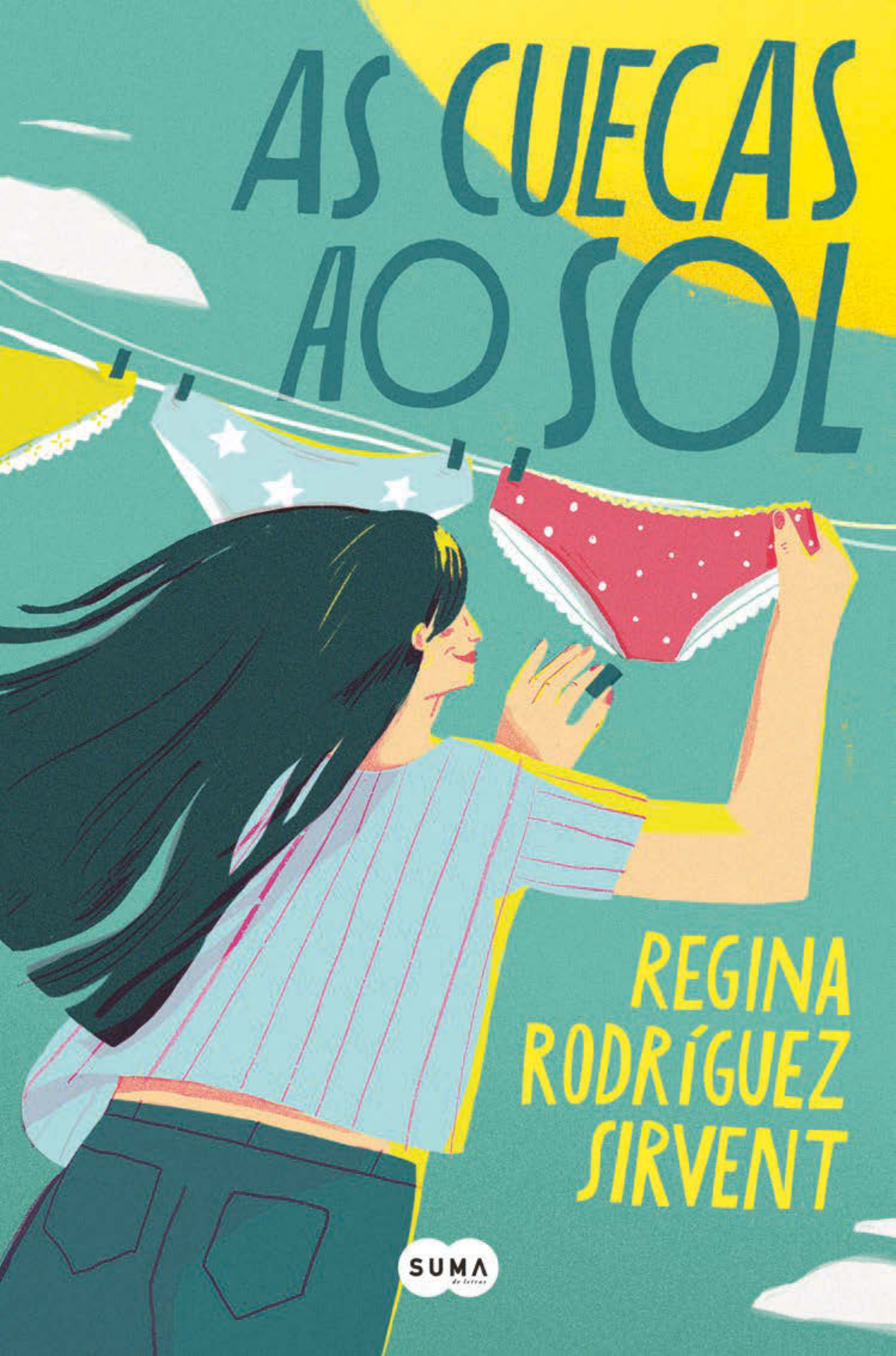


AS CUECAS AO SOL

A stylized illustration of a woman with long, dark hair, seen from the side, hanging laundry on a line. She is wearing a light blue and white striped shirt and dark jeans. She is holding a pair of red underwear with white polka dots. In the background, there is a yellow sun and a teal sky with white clouds. A pair of white underwear with blue stars is also hanging on the line.

REGINA
RODRÍGUEZ
SIRVENT

SUMA
de letras

Ao meu pai, por acreditar nos sonhos
À minha mãe, por nos amparar a todos
Ao meu irmão, pela vida inteira
À Koeman, por existir
Ao Guillem, pela magia
Ao Nord, pelo infinito
Ao Bruc, pela explosão de luz

Aos Kretsinger-Walters, por se converterem em family
Ao Aksel, à Eva e ao Bini, porque nunca vou poder fazer-lhes justiça
À Lídia, pela grande aventura
À Clari, por vir: o Grand Canyon será sempre nosso
Ao Britt Dean, por me ver

A semelhança entre as personagens fictícias e as reais não é pura coincidência. O que é verdade e o que nunca se saberá.

Mas, na realidade, isso também não é importante.

PRIMEIRA PARTE

O letreiro de néon

— E como é que soubeste que querias ser depiladora?

A Pam concentra-se. A cera a ferver cai-me líquida na coxa. Prevejo uma queimadura em segundo grau.

— Pois, tornei-me *designer* estética — destaca a palavra *designer* — porque, de todas as primas, era a que penteava melhor a tia Paquita. — Sopra. — Ainda queima?

— Muito, Pam, queima muito... Além disso, amanhã tenho um encontro importantíssimo e o aspeto da minha coxa vai ser crucial...

(Na verdade, não sei se tenho um encontro, há dois dias que aguardo a sua mensagem e não chega.)

— Beeeeem, rapariga, não te queixes tanto, é só uma queimadura de nada; faço-te um desconto de um euro.

— Um dia devias depilar-me de graça, em homenagem a toda a epiderme que deixei nesta marquesa.

— Ai, minha menina, «epiderme»? Estás armada em técnica?! Depilo-te os braços?

— Já te disse mil vezes que não, Pam. Não tens suficiente no resto do corpo? Quer dizer, também não exageres.

— Não exagero? Isso é o que tu dizes, porque esta penugem não é aceitável nem no Paquistão rural.

— Então, soubeste qual era a tua vocação porque penteavas bem a tia Asunción?

— A tia Paquita.

— A Paquita. E pronto?

— Ai, Rita, mas que chata! Sim, quando era pequena, gostava de pentear as bonecas, as minhas irmãs e a tia Paquita.

— Estou a ver...

— E, já mais velha, não sei como, tudo me pareceu óbvio. Um dia, apercebi-me de que a minha vocação sempre tinha sido essa. Apareceu como um letreiro de néon. Gostava do *design* estético, desde quando hidratava o cabelo à Barbie nadadora e fazia implantes capilares ao Ken.

— O Ken é careca? — Não percebo nada de Barbies.

— Em minha casa era careca, não faças mais perguntas. Ouve lá, mas porquê o interesse? Não estavas a acabar o curso?

— Olha, vês a tira de papel onde deixaste o pedaço de cera com os pelos das minhas virilhas?

— Sim.

— É o talão de que preciso para ir buscar a nota de inglês, a última. Se tiver positiva, vou ser uma mulher licenciada.

— Oh, *mai got!* Licenciada! Advogada!

— Psicóloga.

— Porra! Tratar de doidos varridos?! Não me analyses, ouviste? Sempre tive as unhas assim, está bem? Bom, na verdade, não, a minha mãe...

— Pam, tem calma, isto não funciona assim. Além disso, não pretendo exercer. Estudei Psicologia só para ter um curso, porque não sabia o que fazer da minha vida... e já está.

— E?

— E depois do curso continuo sem saber.

— E então?

— Então, nada, nenhuma vocação. Vou ter de ir à procura desse letreiro de néon de que falas.

A Pam dá a última puxadela mortal e leva três camadas de pele; deixa cair uma lágrima, mas ela não se altera.

— Já agora, Pam, tu não te chamavas Dolors?

Saio para a rua a gerir o toque leve e seco das calças na pele. Que dor. O sol de junho esconde-se por trás de uma nuvem esponjosa e

avanço pela praça principal da Universidade Autónoma, deixando-me levar pela euforia própria da última semana do curso. Gritos e risos e fotografias de curso debaixo do braço. Olho para o céu, fecho os olhos e permito-me um luxo que ainda não conquistei: sentir o verão.

Observo-me na parede de vidro da hemeroteca e penso que o reflexo não está nada mal. O meu corpo forte e sem curvas, o cabelo escuro, comprido, liso e selvagem, os quadríceps chamuscados por baixo das calças de ganga. Restam-me quinze dias sem pelos.

Olho para o telemóvel: nenhuma mensagem.

Deixo a praça para trás e encaminho-me para a Cidade Universitária. Estão à minha espera há algum tempo e desconfio que hoje seremos uns poucos. Paro à porta principal da escola de línguas e respiro fundo. Entro decidida; o som dos chinelos ecoa com força pelo corredor. Nem rasto dos sotaques estrangeiros, nem das cabeleiras ruivas, nem dos aromas exóticos dos estudantes durante o ano letivo. Sou o último moicano.

De certeza que tive positiva. Pela primeira vez, reví todos os trabalhos de casa. Preenchi os espaços em branco das frases. Procurei sinónimos de qualidade e pus a cassette de quando uma tal Stephanie ia a um restaurante comer *fish and chips*. É impossível chumbar.

Apoio a mão na maçaneta da porta e, quando me preparo para entrar, o meu telemóvel desata a tocar. A canção *Mi carro me lo robaron* chama a minha atenção com um volume extra. Ligo-lhe depois.

Desligo-o; estou demasiado nervosa para falar seja com quem for. Espera-me o verão. A licenciatura. O futuro. A vida.

Volto a respirar fundo e bato à porta com um sorriso forçado. Tudo ajuda.

— Entre. — Uma voz seca que não levanta os olhos do papel convida-me a entrar. O acolhimento caloroso britânico.

— Bom dia, Suuus...

— Ah, Rita — vê-me, decepção absoluta —, és tu.

Oh, a Susan! A «Suuusan», como nos obriga a chamá-la. Podia ser a representante da comunidade camone na Catalunha: oriunda

de uma aldeia amuralhada perto de Newcastle, tem mais de sessenta anos, é magra e branca, e faz render o cabelo escasso que tem alisando-o com o secador todas as manhãs. Mas isso não significa que tome banho todos os dias. Tem os dentes desalinhados e manchados do amarelo *hippy* dos que viveram na Londres dos anos setenta. Talvez pine muito com o marido, mas não o deixa transparecer. Quando era nova, devia ser toda boazona; imagino-a forte e esbelta, com um desses corpos bem promissores. Por isso, acha que não devia estar aqui, como professora desta universidade pública do sul da Europa, mais perto de África do que de Yorkshire. A coitada da Susan até teria aceitado casar com um rico descamisado da época dourada do mafioso Gil y Gil, que agora lhe permitiria navegar pelas águas de Marbella num barco que talvez tivesse o nome de outra mulher, mas que não a incomodaria. Tudo menos estar agora em frente a esta rapariga, quarenta anos mais nova do que ela, que se está nas tintas para tudo.

— Vim trazer-te o comprovativo para levantar a nota... —
A cera ficou colada ao número do processo. Tento arrancá-la.

— Dá-mo, não interessa...

— Um segundo, é que... — Não posso entregar-lho com pelos, caraças, Pam!

— Rita.

— Já está quase...

— Rita.

— Um segundo.

— Rita, chumbaste.

— Co... como?

— Chumbaste.

Merda.

— Mas... Não pode ser... sei pedir *fish and chips* e...

— Vamos lá ver: como é que podes saber que «desajeitado» se diz *clumsy* e não conjugar uma simples frase no futuro? — Pois, porque o Big Muzzy, o melhor professor de inglês que tive, era um desastre e não o escondia. — Rita, o futuro é da terceira classe!

— Mas, sim... sei conjugar o futuro perfeitamente... — Tenho sempre problemas com o futuro, mas pelo menos aprendi a conjugá-lo em inglês.

— Olha — A Susan apoia o tronco esquelético na mesa —, se fores capaz de traduzir agora mesmo a frase «Hoje podia acabar o curso», passo-te.

— Tão simples quanto isso?

— Tão simples quanto isso.

— Um segundo, um segundo, deixa-me pensar...

— Agora.

— *Tudei...* — Cinco palavras e acabo o curso. Big Muzzy, ajuda-me! — *Tudei, ai... will...* — Muzzy! — *Ai will can... finish... de digri.*

— Vemo-nos para o ano.

— Mas eu fiz tudo bem! Pergunta-me como pedir *fish and chips*!

— *Goodbye*, Rita.

Fechei a porta atrás de mim, enquanto amachucava o exame com a mão, e deixei a dignidade e um verão de sonho na secretária cinzenta e desenxabida da Suuusan. Avancei pelo corredor, arrastando os chinelos, a pensar como ia dizer aos meus pais que não tinha acabado o curso, porque não sei falar uma língua que estudo desde os oito anos. *Fuck*.

Abandono o pequeno caminho de terra da escola de línguas e reparo nas rosas vermelhas que trepam pelas paredes de cimento quente da Cidade Universitária, do outro lado da rua. Pego no telemóvel, que me reclama há algum tempo, e ouço a mensagem que a minha avó me deixou quando o Manolo Escobar deixou de cantar.

Diz-me para levar bacalhau do Mercado da Boqueria, o da Carme, pois amanhã as amigas vêm ao restaurante e quer preparar-lhes *esqueixada*¹ da boa. Também me conta que não quer ir com o grupo de reformados ver a produção de percebes da Galiza, porque

¹ Prato catalão. Ver glossário no fim. (*N. dos T.*)

se está nas tintas para os percebes, mas sobretudo porque só os velhos vão nessas viagens organizadas. Tem oitenta e quatro anos. Queixa-se, porque, com o frio que está em Alp, os gerânios ainda não terão crescido no Dia de São Pedro, e seguem-se treze minutos e vinte e oito segundos de disparates imprescindíveis. Bem, estou a demorar demasiado a ir vê-los.

Sem me aperceber, o exame que me arruinou o dia cai-me da mão. Baixo-me para o apanhar e deito-o para o lixo.

Um sol acolhedor aquece-me a cara e ilumina o terreiro de tons verdes e castanhos que dão cor ao jardim da Cidade Universitária da Universidade Autónoma de Barcelona. Junto ao primeiro arbusto, vejo o Vírus, um rapaz de vinte e poucos anos que está «quase a acabar Geografia», desde que cheguei, e que canta uma das suas canções em frente a quatro estudantes do primeiro ano que vieram ver o *campus*. O Vírus e as recém-chegadas entoam o refrão em coro com entusiasmo, sentindo que fazem parte do *cliché* de sonho em que o universitário guedelhudo canta uma canção que escreveu sem *t-shirt* e com os dedos cheios de tinta, e que agora toca com a sua guitarra cheia de autocolantes antissistema.

Uns pais com matrícula de Lérida estacionam um *Renault 21* e saem do carro com uma certa preguiça, como se fossem ao casamento de um primo afastado. O pai aperta os botões das calças e observa o Vírus com ar enojado, com a repugnância própria dos progenitores que estão prestes a abandonar as filhas virgens e perfeitas naquilo que lhes parece ser mais a mansão Playboy do que uma universidade conceituada.

O Vírus ampliou o quórum. Agora, exagera o refrão como se estivesse a cantar AC/DC, mas a canção diz algo do tipo: «Gosto mais de ti do que do macarrão da minha avó. Yeah, yeaah...»

A mãe da estudante de Lérida sorri com uma alegria nostálgica, vivendo o início de um sonho que teria gostado de protagonizar há muitos anos, quando ainda pensava na primeira pessoa. Entre malas e dois sacos de laranjas, a filha sai de trás do carro: uma miúda de dezoito anos que observa a paisagem como se acabasse de chegar à

Lua, ou ainda mais longe, e, de boca aberta, deixa transparecer o entusiasmo e o terror.

É uma e meia. O sol aperta e o cheiro dos *tupperwares* que se abrem simultaneamente nas centenas de cozinhas que me rodeiam lembra-me que estou atrasada. Por favor, não me apetece nada contar aos meus amigos que chumbei a inglês e que blá-blá-blá. E estou cheia de fome.

Mas, de repente, sem avisar, o mundo pára.

Fico com a garganta seca. O breve toque a dois tempos do telemóvel provocou uma onda expansiva de esperança. Senti a vibração combinada com o som que me pode abrir as portas dos céus: «Pip-pip, pip-pip.»

Meto a mão no bolso como se tivesse de desativar um pacote-bomba e sinto que a cena que me rodeia entra em câmara lenta.

As bocas das fãs do Vírus cantam lentas, sem voz. A família de Lérida fica petrificada quando o pai, com cara de *bulldog*, deixa escorregar um dos sacos e as laranjas começam a rebolar imediatamente pelo asfalto. Tenho as mãos frias e já não sinto o calor do sol.

Fecho os olhos e pego no *Nokia*:

1 mensagem recebida

Que seja ele, por favor, que seja ele.

Gonçal:

Morena! Está tudo bem? Chego amanhã à noite. Espero-te às 9 na minha casa. Tenho uma surpresa

Puum.

A minha garganta regressa à vida e emite uma espécie de grito sem vogais que podia ser atribuído à família dos golfinhos. Numa questão de segundos, o retângulo de verdes e castanhos da Cidade Universitária transformou-se num jardim das maravilhas, como se uma sombra

de frio se afastasse e fizesse crescer uma flora selvagem à sua passagem. Estou tão contente que vejo o Vírus com uns *boxers* de musgo.

Releio a mensagem seis, sete, trinta e oito vezes. Concebo a noite de amanhã com uma colagem de imagens das noites que passámos juntos: aquele prado nevado, a sua cama numa gruta, a Serra do Cadí desde a aldeia de El Querforadat... até que um grito histérico me arranca do sonho.

— Ritaaaaaa! — A Astrid salta com os braços esticados, como se com o seu grito tresloucado não tivesse já acordado todos os habitantes de Marraquexe.

Trinta e quatro horas para vê-lo. Avanço para eles, olho para o céu e sorrio.

— Rita, estás a babar-te. — O Demura fita-me por cima dos óculos de sol com um pouco de nojo.

— Cala-te, seu parvo!

— Rita, tens uma gota de saliva no queixo. Brilha com o sol. É um facto. — Acende o charro.

É verdade, mas felizmente o resto do grupo não vê a gota, porque estão demasiado ocupados a desfrutar da felicidade inevitável de terem acabado o curso, de saberem onde vão trabalhar no próximo ano, de terem o plano de vida que me faz falta, de chegarem exultantes às suas respetivas casas, onde as suas famílias cozinharão paelha e servirão espumante do bom para celebrar o fim de uma era.

— Vamos lá ver, senhora contente, finalmente passaste a inglês? — pergunta o Nofre com o seu *sexy* sotaque maiorquino.

Vamos a isso.

— Não... — E, quando me preparo para continuar, os olhares licenciados dos meus amigos esmagam-me.

— Fogo!!! — grita a Astrid.

— O que queres dizer? — pergunta o Demura. — Chumbaste? Mas era o nível 1, Rita, era imprescindível para...

— Sim, já sei... Não interessa, no fundo também não me surpreende, depois penso nisso — respondo, feliz, porque a única coisa que me importa agora é uma contagem decrescente.

— Mas ficas assim... na boa? — A Astrid ainda está surpreendida.

— E o que queres que faça? Não te preocupes, um dia aprendo inglês e voltarei a ver a Susan e falarei com ela durante horas sobre as aldeias de Yorkshire e Marbella de Gil y Gil.

— Meu Deus do céu, Rita, como é que podes brincar num momento assim...?

Talvez tenha razão. Com o curso terminado, teria todo um plano, fosse o que fosse, um letreiro em néon provisório, mas agora, de repente, não há nada. Vazio existencial a sério. Bem, sim, tenho amanhã e toda a eternidade com o Gonçal.

— Então, acho que chegou o momento de abrir o *souvenir* de fim de curso — continua o Nofre, com um orgulho pouco visto no olhar modesto ao qual nos habituou. — Eu, Onofre Torres Mulet, natural de Son Macià... neto, bisneto, tetraneto e sangue do primeiro homínídeo que pisou a ilha mais esplendorosa do mar Mediterrâneo — tira uma caixa octogonal envolta em papel de alumínio e segura-a, qual oferenda ao céu —, entrego-vos a *ensaïmada* verde, preparada com a marijuana que vi nascer e que hoje, 29 de junho de 2007, sacrificou os seus frondosos frutos para se converter no Hulk das *ensaïmadas*, o elo perdido da pastelaria moderna.

De uma vez, arranca o papel de alumínio e mostra a sua obra, enquanto traça meia circunferência com o braço, como um toureiro. Os rostos dos presentes iluminam-se.

— Mas, mas, mas... Isto são três quilos de plantas de erva em forma de *ensaïmada*! — grito.

— Ri-te, ri-te, quando a provares logo falamos. — Fala como se fosse detentor da verdade absoluta. O Nofre saca do canivete de escuteiro maiorquino e corta o bolo verde em pedaços demasiado generosos.

Trinta e três horas para vê-lo.

«Wa yeah!»

Acordei sentada na poltrona da sala de jantar com a cabeça pendurada no apoio de braços.

Na mesa, havia dois pacotes de pão de forma, puré de batata e uma caixa vazia de *Donettes Nevados*. Nós nunca compramos *Donettes* destes, com chocolate branco. Esteve aqui alguém.

— Ressuscitaste? — pergunta a Astrid, enquanto acende um charro junto à bancada da cozinha.

De repente, vem-me à memória uma sequência em *flashes*: *Os Simpsons*. A bandeira americana. *Mary Poppins*. Três crianças que destroem um urso panda de peluche que tinha quando era muito pequena e do qual não me tinha voltado a lembrar.

— Porra... não tenho saliva. Acho que me embalsamaram. O que é que aconteceu? Que horas são? E quem é que trouxe esses *Donettes Nevados*?

— Estás a dormir nessa poltrona há umas dez horas e meia.

— O quê?

A Astrid desata a rir, engasga-se com o fumo do charro.

— Fogo, não admira que não tenhas saliva, engoliste uma caixa de *polvorones*.

— *Polvorones*? Tínhamos *polvorones*?

— Sim, estavam fora de prazo e alguém deve tê-los trazido para uma festa qualquer; depois, claro, começaste a ficar com os lábios tipo cartão e decidiste comer patê para que escorregassem melhor.

— Patê?

— Patê, Rita, patê. E como com o patê não desciam, engoliste meio pacote de sangria.

— Não pode ser. Estás a inventar.

— Claro! Fogo, que viagem. O sacana do Nofre... Que erva! Acordei às seis da manhã porque te estavam a ligar. Tinhas quarenta chamadas não atendidas. Da tua mãe, das Saras, da Nu e da Anne, que já foi para Lérída.

— E do Gonçal?

— Não, do Gonçal não. — A Astrid dá uma passa no charro. — Eu estava péssima, mas tu... Fiz-te um café com leite e pus-lhe duas colheres de sal, para ver se reagias.

— Puta.

— Mas nada. Falámos durante muito tempo, lembras-te? — A Astrid dá-me um ibuprofeno. — Sobre a minha viagem à América, se ias fazer o Caminho de Santiago...

— Eu? Fazer o Caminho de Santiago?

— Era isso que dizias. Depois, não faço ideia de como chegámos às poltronas. Nem de como chegaram aqui estes *Donettes Nevados*.

O sol desta estranha manhã flutua num oceano de céu azul. Os seus raios enfiam-se pela sujidade das grandes janelas da sala de jantar e chegam ao cabelo acinzentado da Astrid numa espécie de poema visual. A Astrid, cuja beleza natural lhe permite aguentar com dignidade mesmo uma ressaca daquelas, deita-se, indolente, no colchão que temos no chão da sala de jantar, ao qual não restam mais do que umas horas para voltar para a beira da piscina onde o encontrámos, há quatro anos, no primeiro dia na universidade.

São as últimas horas que passamos aqui, juntas, sozinhas. A melancolia já começou a atormentar-nos, mas escondemo-la bem. Eu melhor do que ela. Abraçamo-nos e revemos os momentos memoráveis com um nó na garganta.

Mas a Astrid aguenta pouco e chora. Chora pelo atordoamento de abandonar a universidade. Chora pelo turbilhão da idade adulta, pela flacidez da pele e pela roupa que, segundo ela, já não

vamos poder usar. Consolo-a e rio-me da situação. Custa-me chorar. Custa-me pela indolência que as despedidas me dão, porque tenho a pele ótima e porque não tenho qualquer intenção de mudar de vestuário... Mas, sobretudo, não choro porque vou ter o melhor encontro da História.

Depois de ter passado o túnel do Cadí, a última fronteira antes de chegar à Cerdanha, ao fazer a curva para Urtx, canto. Não consigo evitá-lo. Acho que voltar a casa, quando a «casa» é a Cerdanha, faz cantar qualquer um. Mas hoje canto sobretudo para domar as minhas palavras, porque penso nele, e a minha voz treme, os meus joelhos tremem e a minha vida em geral estremece.

Ao prolongar o último «a» de «Cerdanhaaaa», agravado pela densidade cerebral da ressaca de erva maiorquina, sou invadida por um leve estado de hiperventilação que me faz ver faíscas às cores. Paro. Sim, é melhor parar. Estaciono a carrinha na berma plana da curva. O veículo cheira ligeiramente a bacalhau, e a Carme até o embalou com cuidado; hoje, o Mercado da Boqueria estava espetacular!

O sol começa a pôr-se e o céu brilha num cambiante de rosas. No centro da imagem, ligando o céu e a terra, a neblina funde-se em gotas que iluminam o vale.

As montanhas, adornadas com milhares de pinheiros, delimitam a imagem como uma coroa; uma camada verde e densa começa a desfazer-se, sopé abaixo, até se converter em aldeias de pedra, telha negra e campanários pontiagudos.

Mesmo por baixo de mim, estão os prados dos Flotats, dos Moxó e dos Oliu. Cada um se une ao seguinte numa fileira de choupos e pequenos caminhos de terra; ondas aveludadas que mudam de cor quando o vento se levanta.

Daqui de cima, as vacas são brinquedos em miniatura. Pastam na margem da reta onde fazia sempre o *sprint* final, depois de correr quinze quilómetros no treino para a temporada de esqui.

Chego ao prado onde fica o comprido muro de pedras que me faz lembrar aquele em que o Morgan Freeman encontra a caixa que o

Tim Robbins lhe tinha escondido em *Os Condenados de Shawshank*: «Já que chegaste aqui, talvez estejas disposto a viajar para um pouco mais longe.» O caminho de Fontanals a Sanavastre é um sonho.

Aos poucos, a luz ténue da tarde começa a tingir tudo de rosa. Levanto-me para me ir embora e vejo que, no fim da paisagem, como um fecho-éclair que se vai fechando em câmara lenta, o comboio de Barcelona avança paralelo à reta de Queixans e desaparece no sopé de Puigcerdà. Este fim de semana estão todos aqui — é como se conseguisse ouvir os gritos dos meus amigos, o Riqui e o Riesgo, a fumarem entre os vagões — e tenho uma vontade imensa de sair à noite.

Aqui só há silêncio e calma, precisamente o contrário do que vai acontecer quando chegar a Puigcerdà. Mas ainda falta muito para isso. Respiro fundo e encho-me de coragem para retomar o caminho.

A casa do Gonçal fica no extremo de um pequeno caminho por asfaltar pelo qual nunca ninguém passa. O ponto de referência para se fazer esse desvio são os restos de uma casa de pedra na qual os camponeses guardavam as alfaias agrícolas, mas que agora é apenas isso, o eco de uma época passada, quando a Cerdanha era mais terra do que asfalto. Mas, mesmo quando chegamos ao fim do pequeno caminho, a casa ainda se pode confundir com as ruínas de uma igreja antiga no interior da qual cresceu uma cerejeira gigante.

Aliso o vestido branco e verto a amostra de perfume *Coco Mademoiselle* que vinha com a *Vogue*, sobretudo no pescoço e no decote, e deito o resto nas cuecas.

Inspiro, expiro. Inspiro, expiro. O ar enche-se de tomilho e do fresco inconfundível das tardes de verão na montanha. Levanto a mão e apanho um punhado de cerejas. Como-as com perfeita consciência, como se protagonizasse o início de um filme pornográfico — espero que assim seja —, o que me faz caminhar, meneando as ancas com dramatismo.

Avanço por baixo dos ramos e chego ao fim do pequeno muro de pedra que se esconde sob a cerejeira. Paro mais uma vez. Volto a respirar e entro no pátio; vejo a sombra trémula da minha figura.

Bato à porta.

— Olá? Gonçal? Gon...

A porta abre-se sozinha. Em cima da mesa da sala de jantar, há um bilhete com uma margarida acabada de colher.

Já acabei a casinha da árvore, espero-te lá.

O facto de me propor ir à árvore significa que decidiu usar a artilharia pesada. Parece que não é suficiente ficarmos numa bela casa de pedra de quando o mundo era dos homens das cavernas. Que não é suficientemente magnífico que, da sala, o único som seja o da água que desce pelo riacho que atravessa o lote. (Porra, os *hippies* podiam gravar aqui cassetes para massagens!). Ainda por cima, o sacana decide arranjar a casa da árvore, esperar nela e dizer-mo com um bilhete escrito à mão e uma margarida acabada de colher. De certeza que comprou queijos de Ger e tudo. É um autêntico profissional.

Na verdade, fico abismada, porque sei que quando parece impossível que fique melhor, quando parece que não posso apaixonar-me mais por ele, descubro que não é verdade. Que ainda resta um último baluarte por conquistar: a magia.

Início o trajeto e não consigo deixar de recordar o primeiro dia em que demos juntos o passeio mais romântico da história dos passeios.

Lembro-me dos beijos. Da água selvagem do fundão. A brisa baloiçava-nos o cabelo na medida certa, como as ventoinhas que movem o cabelo das modelos numa sessão fotográfica. Os passarinhos volteavam sobre as nossas cabeças e pareciam rir-se por também terem a penugem remexida pela brisa de forma calculada.

Cantámos juntos a canção «Wa yeah!», do grupo maiorquino Antònia Font — «Jo cant sa Lluna i s'estrella, sa jungla i es bosc

animat...» —, enquanto a vida avançava noutra sítio e o mundo só existia onde eu e ele estávamos. A verdade é que podia ter chovido merda que teria continuado a parecer-me o passeio mais romântico da História.

Lembro-me de o seu rosto se iluminar quando chegámos à árvore. «É uma das únicas três sequoias da Cerdanha e será para mim! Aqui nunca vem ninguém, Rita!», disse. Na verdade, na Cerdanha, há mais sequoias e aquela árvore não é uma delas, mas a quem raio é que isso interessa?

«Vou remodelar a casa e abrirei uma janela no teto para vermos as estrelas.» E, embora soubesse que não podia permitir-me a isso, acreditei nele.

Naquele dia, só havia na árvore quatro tábuas mal colocadas entre os ramos e umas madeiras pregadas no tronco a fazer de escadas. Lembro-me perfeitamente dos pregos salientes porque, quando me encostou à parede para me levantar a saia, senti que um deles se me cravava um pouco na região lombar. Mas decidi não dizer nada e deixar que a sua mão continuasse a abrir caminho entre as minhas coxas. Lembro-me de que só parei um segundo, quando pronunciou o nome daquela empregada de mesa do Raval, e me apercebi de que se cravava em mim outro prego invisível, muito mais doloroso. Mas até aí continuei calada.

Hoje, avanço pelo mesmo pequeno caminho de giestas e sinto o terror e a felicidade a cavalgarem sobre as minhas costas ao saber que a colisão está iminente.

De repente, chego ao ponto em que a vereda é interrompida pelo fundão. A cascata é mais impressionante do que me lembrava e a água só ganha uma textura aveludada muitos metros mais abaixo. Mas, se quero seguir em frente, tenho mesmo de atravessá-lo. Porém, antes de me empoleirar, volto a respirar. Inspiro, expiro. Sinto a solidão. O prelúdio. O silêncio, o barulho dramático da cascata, a água branca que arrasta recordações fundidas do inverno.

Firmo o pé numa das pedras maiores e continuo. Um, dois, três passos mais para cima. Escalo até à última rocha e, com as mãos

molhadas e livres, subo para o cume. Já cá estou. Avanço por um caminho apagado e chego ao truque final do esconderijo: o caminho parece desaparecer atrás das silvas, mas, se chegarmos ao outro lado dos ramos, com um ou outro arranhão em jeito de portagem, a luz cai sobre um pequeno terreiro e abre-se para apresentar o grande final.

A casinha da árvore.

Um azul-marinho suave apoderou-se do céu. Um *pantone* elegante que contrasta com a madeira recém-pintada e com as velas que iluminam os caixilhos das duas janelas. A merda das velas. Que fotografia. A raiva tenta abrir espaço entre uma enxurrada de amor, mas não consegue. É demasiado tarde. A silhueta do Gonçal detém-se à porta.

O piar dos pássaros funde-se com as notas de uma canção que começa. O golpear suave de uma baqueta inconfundível. A melodia que dá lugar a uma guitarra e marca o ritmo desta bonita noite de verão. Agora sim: chegou o verão.

Uma corda sai disparada do interior da casinha e cai ao pé dos degraus a uma distância calculada do chão, só apta para atrevidas. Agarro-a pelo cabo com as mãos, decidida a escalá-la, e percorro-a com o olhar até dar de caras com ele.

As primeiras palavras da canção, entoadas por uma voz maior-quina, trepam pelos ramos: «Jo cant sa Lluna i s'estrella,sa jungla i es bosc animat...»

Do outro extremo da corda, o Gonçal sorri, e sinto que começa a devorar-me; está quieto e espera pelo momento ideal para me cantar as palavras que ficam gravadas, para sempre, na minha memória: «Qué sexy, qué dulce y qué fría, wa yeah...!»

Tomates maduros

Há dias que fariam vomitar um unicórnio. Este é um deles.

Conduzo até Alp com um sorriso glorioso e fecho os olhos a cada poucos segundos para reviver a noite anterior. Cheiro os meus lábios. Seguro numa madeixa de cabelo húmido entre a boca e o nariz, e lembro-me do cheiro do champô com que o lavei esta manhã.

À terceira chamada da minha mãe, tive de me ir embora, porque estavam à minha espera para almoçar e não conseguia prolongar mais a desculpa. Disse-lhe que havia fila na encosta do túnel de Cadí, mas ambas sabemos que é terça-feira e que isso é mentira.

Passo em frente ao banco da aldeia e não vejo ninguém ali sentado. Nem a Lina. Não há ninguém na rua. Estaciono o carro fora do pátio. Retoco a maquilhagem que tapa o chupão do pescoço e solto o cabelo.

Os sinos da igreja anunciam que é uma e meia. A voz da apresentadora do telejornal sai pela janela da sala de jantar da Magdalena, que está sozinha e discute com aquela desconhecida.

Entro no pátio de casa e olho pelas janelas: quase não há clientes no restaurante. Melhor, porque estou atrasada meia hora.

Decido entrar na cozinha pela porta de trás e vejo que a televisão está sintonizada no canal TV1. A apresentadora Anne Igartiburu anuncia grandes manchetes no programa de imprensa cor-de-rosa *Corazón, corazón*.

Vejo-a de costas, a falar em voz alta, enquanto lava tomates. Enverga a bata habitual; está tão gasta que não saberia dizer quais eram as cores originais, mas agora é cinzento-clara e entreveem-se

uns quadradinhos cor-de-rosa e muitos anos de história. Tem restos de terra da horta nos chinelos.

— Avó! — grito alto, e faço com que um tomate saia disparado.

— Virgem Saaanta! — responde ela, prolongando o «a» de propósito. — Oh, cachopa, pregaste-me cá um susto, por favooor! — Vira-se para mim de olhos fechados, com a mão no coração e o rabo na bancada de mármore.

Quando se recompõe e me preparo para lhe dar o bacalhau, arregala os olhos e detém-me com um grito mais forte do que o habitual, um pouco exagerado:

— Ai, ai, ai! — A mão no peito, as costas arqueadas. — Minha mãe santíssima, mas, cachopa, que cara é essa?! Tu estás mesmo caidinha!

Fico imóvel e penso que não sei se me impressionou mais o grito ou a velocidade com que me topou. Aliso o cabelo e viro-me para me observar e assegurar-me de que não me escapa nada.

— Não precisas de te ver ao espelho, eu vejo-o nos olhos, que são o reflexo da alma. E tu tens a alma mesmo apanhadinha, minha menina...

Abraço-a. Cheira a lixívia e a horta.

— Mas o que é que se passou? O que são esses gritos? — A minha mãe chega acelerada.

— A Rita pregou-me cá um susto... quase que fiz chichi pelas pernas abaixo.

— Com que então havia fila?! — pergunta o meu pai, que me dá um abraço que me faz ranger os ossos, sentando-se depois a ver as notícias.

— Sim, na encosta do túnel...

— Pois, claro, numa terça-feira de junho à hora do almoço, na Cerdanha, já se sabe, são cá umas filas... — continua, irónico.

Agora, é a minha mãe a abraçar-me.

— Hummm, perfume novo?

— Champô — respondo.

— Champô.

Faz de conta que não se apercebeu de que tenho o cabelo molhado. Dá-me um beijo e diz-me que já era hora de ter vindo. Afirmo que estou com um ar ótimo. Sorrio e fico contente por estar em casa. Sobretudo porque ninguém se lembra de que ontem me deram a nota de inglês que determinava o meu futuro imediato, e também a longo prazo. Melhor assim, pois estou com imensa fome.

Para almoçar, temos creme de *courgette*, uma tábua de enchidos para dar e vender e *sobrasada* caseira. Há um mês que não vinha; parece-me uma eternidade.

Pego nos tomates e volto a recordar a imagem do Gonçal ontem à noite, quando os cortava com a camisa mal abotoada depois de fazermos amor pela primeira vez, e eu o ouvia, pensando se seria possível parar o tempo.

— Rita. Rita?! — Todos os rostos da família me fitam. — Rita! — grita mais uma vez o meu irmão da porta da cozinha. — Estás mesmo com a cabeça nas nuvens, não estás?

— Albert!

O meu irmão levanta-me como se eu só pesasse três quilos. Quando me põe no chão, vê o chupão.

— Já estava na hora de apareceres, não?

— Vá, vamos! Todos para a mesa! — grita a minha avó, enquanto tira a perna de borrego do forno.

Recordo quando cruzei a porta da casinha de um salto do último degrau de madeira. Quando já não dissemos mais nada. Quando começámos a despir-nos, muito devagar. As suas mãos a desenhar-me as coxas por baixo do vestido branco, a canção ao ouvido, os seus lábios no meu peito. O cheiro do seu hálito. Os lençóis limpos e os queijos em cima de um trapo, no chão. Uma garrafa de vinho *Camins del Priorat*.

Conto os minutos que faltam para irmos juntos a Girona. Sinto um forte formigueiro na barriga.

— Já agora, na sexta precisam de mim no restaurante? — pergunto. — Gostava de ir a Girona.

— A Girona? — pergunta a minha mãe.

— Sim, combinei com a Astrid e a malta da faculdade. Também vêm o Santi e o amigo dele — calculo a magnitude do sorriso antes de pronunciar o seu nome —, o Gonçal.

— O Gonçal, o de Cal Fuster de Das?

— Sim. — Franzo o nariz, enquanto reprimo o sonho de que um dia todos seremos uma grande família; na manhã de Natal haremos de nos reunir nesta sala de jantar e de nos sentar à mesa para pôr a carne picada nos *galets*.

— Na sexta-feira não preciso que nos ajudes — diz o meu pai, sem tirar os olhos da televisão e celebrando o golo de ontem do Ronaldinho. — Esta semana parece tranquila. Vai e diverte-te. O que é que achas da malvasia? É boa, não é?

— Efetivamente — continua o Albert naquele tom adulto que lhe sai com os comentários enológicos. — Notam-se os seis anos de barrica.

O vinho tem aromas a amêndoa e casca de laranja. Nota-se o álcool, mas não demasiado. E vem-me à cabeça o sabor do outono e as mãos da minha avó, ossudas e enrugadas, quando preparam *panellets* e passam as tardes a relembrar histórias de contrabando.

— Que maravilha! — exclamo, exaltada, pressionando o vestido por cima da barriga, prestes a rebentar.

— É sempre bom ver-te comer, filha. — A minha avó dá-me um beijo cheio de orgulho.

— Chumbaste a inglês, não foi? — Eu e o Albert saímos para dar uns toques na bola.

— Sim, Albert, sim... — Aqueço a perna esquerda com toques baixos. — Mas não digas nada ao pai nem à mãe, eles estão um pouco preocupados porque o mês de junho foi fracote no restaurante.

— Junho não foi fracote. Dizem o mesmo todos os anos e depois de repente chega a malta da cidade e não temos mãos a medir. Mas, Rita... — Vinte toques. — Como é possível?

— O quê?

— Que tenhas chumbado! Que não tenhas acabado o curso! Que não saibas conjugar o futuro, porra!

— Já sabes, eu e o inglês somos incompatíveis.

— Vá lá, cala-te, tiveste positiva nas disciplinas mais lixadas do curso e há pouco tempo tiveste um excelente em escrita, não foi?

— É verdade. — Quarenta toques.

— Vês?

— Era uma opção, e tive sorte. Lembrei-me de uma boa história. Mas isso agora não interessa, a questão é que não tenho curso nenhum. — Chuto a bola alta e recupero-a com um controlo surpreendente.

— E o que é que vais fazer? Quando é que o acabas?

— Ai, não sei. Estudei Psicologia como podia ter estudado taxidermia ou gaita. Teria estudado isso com a mesma desmotivação. — Sessenta e cinco toques. — A questão é ter um curso, certo?

— Também podias começar um curso de uma coisa de que gostes muito, que te apeteça, e a partir daí...

— Sim, claro, como se saber aquilo de que gosto fosse assim tão fácil.

— E o que é que vais fazer para o ano?

— Que chato, Albert! Sei lá! Não me stresses. Não faço ideia! É preciso ter a vida toda calculada aos vinte e três anos?

— Desculpa. — O Albert arma-se em artista com a bola e isso põe o contador em risco, mas, como era de esperar, acaba por dominá-la. Devolve-ma. Oitenta.

— De momento, a única coisa que sei é que esta sexta vou a Girona com o Gonçal e dentro de dois fins de semana temos a festa popular de Puigcerdà.

— Estou a ver...

— A vida pode ser maravilhosa mesmo que não faças a menor ideia de onde te vai conduzir depois da festa popular da aldeia, percebes?

— Tu é que sabes...

— Noventa e nove! Cem!

O amanhecer

Não consigo dormir. Há seis noites que não prego olho. Só penso nele e nas suas costas e na sua boca e nos queijos e no «Wa yeah...!». Hoje, finalmente, vamos a Girona.

Depois de dar para aí oitenta voltas na cama, acabei por me render uns minutos depois das seis. Desci até à cozinha e enfrentei o silêncio único da manhã, quando há mais doses de esperança geral, quando os cheiros estão em repouso e existe uma ordem imóvel, com tudo prestes a estrear-se.

Há um grilo que ainda estridula, mas, à parte isso, sinto que, com o toque leve e esponjoso da gaveta do pão, fabrico os primeiros sons desta sexta-feira. Ponho o leite a aquecer e vou à horta buscar tomates.

Um galo canta e a Antònia começa a ordenhar a primeira vaca. Fico durante algum tempo sentada entre as tomateiras, a imaginar como será o dia. Eu e o Gonçal pelas ruas de Girona, eu e o Gonçal a comermos um gelado, eu e o Gonçal a ir para...

— O leite todo entornaaaaado!!! — A voz sai pela janela como uma onda expansiva. Corro para a cozinha.

— Ai, avó! Não grites, bolas! Vais acordar a aldeia toda!

— É que fazes sempre o mesmo com o leite, cachopa... O que é que estás a fazer acordada tão cedo? Estás maldisposta ou algo assim?

— Dá-me um sumo de laranja que acaba de fazer.

— Não conseguia dormir...

— Claro, topo-te à distância, rapariga. É por esse tal de Punsá...

— afirma, convencida, escorrendo o pano cheio de leite.

Metade do sumo de laranja sai-me pelo nariz.

— Cachopa, vais sufocar.

— Avó, chama-se Gonçal, não Punsá.

— Gunsá, Punsá, o que é que isso interessa? Desde que não seja um filho de uma grandessíssima...

— Oh, avó, o que é que estás para aí a dizer?! Nem sequer o conheces...

— Acredita, não me faz falta nenhuma.

— Passa-me o azeite, vá.

A casa já está acordada. A voz do jornalista Antoni Bassas dá as notícias matinais pela rádio. A avó meteu uma espécie de rede na cabeça e agora verte café numa chávena enorme, enquanto trauteia uma das suas canções preferidas da Radio TeleTaxi. «O coelho da minha namorada só quer comer a cenoura...»

Unto o pão no azeite que resta no prato como se a minha vida dependesse disso e corto outra rodela de *llonganissa*. E, quando estou prestes a perguntar à minha avó que raio é aquela rede, ela vira-se com a bandeja nas mãos e um *cocktail* gastronómico que ultrapassa as calorias necessárias a qualquer jogador da NBA: dois ovos estrelados, uma *chistorra* resplandecente, uma morcela de cebola prestes a rebentar, duas fatias de pão ensopadas em azeite e uma chávena de café com leite.

— Mas... mas isso não era só no teu aniversário?

— Ui... Como é que tu achas que me mantenho assim tão bem? A comer alface? — Ajusta a rede à cabeça. — Tenho oitenta e quatro anos e o colesterol de uma criança de doze que vai entrar para o seminário. — Molha a morcela no ovo e continua: — E como é que achas que tenho a pele sem uma única ruga? Olha que o creme *Nivea* não dá para tanto, filha!

Na verdade, tem a cara mais enrugada do que um lenhador centenário basco.

— O segredo é uma *chistorra* todas as manhãs. — Tiro um bocadinho do prato dela. — E o azeite de Jaén, cachopa, o do primo de Las Casillas de Martos.

— Não me vou esquecer disso, avó. Para chegar à tua idade como tu estás, farei o que for preciso.

Estou a ficar atrasada, pelo que subo a correr para me vestir. Exceccionalmente, ontem à noite, deixei a roupa preparada em cima da secretária: calças de ganga rotas, camisola preta com a gola branca e uns sapatos de verniz pretos. Conjunto arriscado, mas elegante. Girona saberá entender o meu estilo.

— Vou sair! — grito alto para que todos ouçam. — Volto esta noite!

Estou prestes a fechar a porta quando o meu irmão entra na cozinha com um fato de banho nas mãos, muito zangado:

— Avó! Voltaste a arrancar o forro do meu fato de banho! Este era novo, caraças! — Então, apercebe-se de que o forro que procura está na cabeça da avó, e a sua irritação desaparece de imediato.

Lanço um beijo para o ar — «Adeus!» — e saio para o pátio.

A carrinha do Santi espera-me à porta.

O restaurante mais romântico do mundo

Sempre fui a Girona de noite, nas festas populares, e não saí de um terreiro em que era obrigatório ter uma cerveja numa mão e um charro na outra. Uma vez, com a Koeman, vimos um macaco no ombro de alguém, fitámo-nos e continuámos como se nada fosse. Por isso, poder-se-ia dizer que hoje estou a visitar a cidade pela primeira vez.

Para nós, os que crescemos entre toalhas de mesa e panelas, aqueles cujos pais calcularam a nossa altura pelas possibilidades que tínhamos de servir à mesa, ir almoçar ao restaurante dos pais Roca é como ir a um concerto dos Beatles.

Olho pela janela cá de fora e vejo a mãe Roca de soslaio. Nem acredito. O Paul McCartney. Leio a ementa e hesito entre o bacalhau com *sanfaina*, as mãos de porco ou o *fricandó*. Ainda tenho tempo. Que indecisão.

A Astrid já chegou, mas disfarça. Está lindíssima.

— Já podemos entrar. Reservei uma mesa para quatro... — anuncia ela, morta de vergonha e entusiasmo.

— Vão entrando, tenho de fazer uma chamada — diz o Gonçal, afastando-se com o telemóvel no ouvido.

— O Gonçal está estranho. Fico em pânico só de pensar que está a falar com outra gaja — digo à Astrid, desanimada, enquanto entramos no restaurante.

— O quê?! Não exageres, deve estar com fome — responde ela só para dizer alguma coisa, seguindo o Santi como um cãozinho. — Não te vais armar em paranoica agora. Foi ele que te convidou para vir aqui, e deram uma há pouco tempo!

As mesas enchem-se de clientes habituais, juntamente com os trabalhadores do restaurante dos filhos Roca, que vão ali almoçar todos os dias, antes da batalha diária para continuar a defender as duas estrelas Michelin; penso que adoraria ir com o Gonçal e provar o lagostim com artemísia.

Por fim, opto pelo *fricandó*. E, à terceira garfada, cai-me todo em cima. Todo o colo cheio. Depois de todos se rirem de mim durante demasiado tempo para o meu gosto, o Gonçal propõe irmos tomar café a outro sítio.

Perdemo-nos por ruelas de flores e pedras, e vemos heras que trepam por colunas em pátios abandonados. Caminhamos pela zona histórica, que é tão bonita, enquanto a Astrid e o Santi se enrolam pelas esquinas. O Gonçal sorri, distante; se não o conhecesse, diria que tinha vergonha por eles. Então, lembro-me da nossa última noite juntos e penso que parecemos idiotas, que o mesmo aconteceu na semana passada. Decido aproximar-me dele. Com o coração a bater desenfreado, coloco-me a menos de um metro, mas, no último segundo, ele vê algo e afasta-se. Que humilhação.

— Olhem para ela! — grita e avança pela rua contígua, regressando com uma rapariga. — Rita, apresento-te a Sònia, é uma amiga de infância, de sempre.

«Amiga», «infância», «de sempre». Fantástico. Esplêndido. Que alvoroço. Corações ao alto, glória, aleluia!

— Olá, muito prazer... — minto, automaticamente, sentindo o seu perfume de patchuli impregnar-me. Olho-a de alto a baixo, observando-lhe o rabo, as mãos e os dentes.

A Sònia é uma daquelas raparigas roqueiras *cliché* dos anúncios da *Levis*: calças de ganga, *t-shirt* branca e blusão de pele. Tem o cabelo louro e tão afro que sobressai um palmo acima da cabeça do Gonçal; tem os olhos pintados de um preto profundo que realça a sua escuridão. É uma rapariga tão *cool* que de repente me sinto como se estivesse a usar o vestido dos domingos da Antònia.

— Já agora — acrescento, apontando para o meu colo, na brincadeira, para quebrar o meu próprio gelo —, esta nódoa não é de um *fricandó* qualquer, é *fricandó* do Can Roca!

— Muito bem, muito prazer — responde, atenciosa, com sotaque gerundense. Fiquei sem saber se achou graça à piada.

De seguida, o Santi e a Astrid juntam-se a nós, despenteados e com os lábios inchados. Depois das apresentações pertinentes, dobramos a esquina e, poucos metros à frente, damos com a Praça da Catedral. Sentamo-nos na esplanada do Arc, mesmo no fim de uma escadaria enorme que começa nas portas da basílica. As badaladas anunciam o fim da tarde e o sol tinge as fachadas de laranja.

São quase seis e a Sònia e o Gonçal têm estado a recordar episódios que, devo reconhecer, são bastante divertidos. Mas estou muito, muito contente porque a Sònia comentou qualquer coisa sobre o namorado. Tem namorado. Que dia maravilhoso.

A tarde avança entre *gin* tónicos e, ao anoitecer, abandonamos as memórias infantis do teatro de Natal de *Els Pastorets* com *collants* muito apertados e falamos de política e teorias da conspiração. E, quando já pensava que íamos regressar à Cerdanha, de repente parece que todos ficam cheios de vontade de jantar.

Ao chegar ao patamar pelo qual se entra no restaurante Le Bistrot, parece-me que já tinha visto esse recanto num postal. Aquele arco, aquelas escadas. Toda a cena é uma viagem no tempo, um filme.

A porta de entrada do restaurante é de madeira antiga e abre-se por baixo de uma hera muito comprida que pende do telhado, quatro andares mais acima. O Gonçal abre-a, fazendo-nos uma vénia engraçada, que começa pela Sònia e termina comigo. E eu coro. Idiota.

Paro na entrada e falo com o empregado, um elemento do grupo de mascarados Showboys do Carnaval de Palamós. Explica-me que este ano se vão mascarar de «As Três Irmãs» e mais não sei quê. Mas não demora a aperceber-se de que me estou nas tintas para as máscaras dos Showboys e acompanha-me à nossa mesa. O meu lugar fica à cabeceira, ao lado do Gonçal.

O Santi e a Astrid continuam no seu mundo, e o Gonçal e a Sònia, cinco horas mais tarde, continuam a rir-se da merda dos *collants* de *Els Pastorets*.

— Vou querer um *timbal de escalivada* — peço. — E um *gin* tónico, por favor.

— Deseja o *gin* tónico agora ou mais tarde?

— Agora. Agora mesmo.

Lanço um olhar à Astrid e levanto-me em direção à casa de banho. Quando ela chega, ensaboo as mãos pela terceira vez.

— Fogo, é da minha cabeça ou... gostam um do outro?

— Como? — A Astrid reage como se acabasse de sair da cama depois de passar três semanas seguidas a pinar.

— Não vês como a gaja olha para ele? E ele não faz nada! Porra, fomos para a cama há uma semana!

— Então, então?! O que estás para aí a dizer? Ela tem namorado, já comentou isso. Não se viam há mil anos, são amigos desde pequenos...

— Talvez tenhas razão... é que gosto muito dele... — respondo para mim própria, porque a Astrid já está a voltar para a mesa.

De regresso à minha cadeira, observo a sala com os dedos entrelaçados sob o queixo e aguardo o meu *timbal de escalivada*. Desfruto das cócegas no rosto do segundo *gin* tónico do dia. Vejo os pratos dos vizinhos e penso que talvez devesse ter pedido canelones. Sigo a bandeja do empregado, cheia de croquetes, e espero que venha na nossa direção, mas desaparece na sala do lado. Centro-me de novo na minha mesa, sem muita vontade, até que fixo o olhar num ponto próximo.

De repente, o tempo adquire uma nova dimensão: os segundos prolongam-se como vidro quente, as minhas pupilas dilatam-se e sinto que, nesse momento, sou capaz de desmembrar um pequeno universo. Os meus dedos descolam-se do queixo e foco a vista com um olhar que desconhecia até então. A minha memória acaba de acender uma tocha para gravar tudo.

Vejo com cuidado que o nariz do Gonçal encaixa com o da Sònia. Penso que, se esticasse o braço, poderia tocar neles. Ela fecha

os olhos e abre a boca, vagarosa e delicadamente, os seus lábios parecem experimentar um prazer absoluto, conhecido. Não é a primeira vez. O beijo dura um milhão de anos. Devagar, com a dança daquelas línguas hipnóticas, sinto que o mundo começa a tingir-se de negro e aos poucos aniquila em mim qualquer esperança de voltar a sentir amor, de voltar a sentir. Noto, com uma dor aguda, que duas mãos fantasmagóricas me perfuram a pele, me alcançam a alma e se apoderam do meu coração para apertá-lo com uma força inimaginável.

A b́ilis

«Rita...» Uma voz embargada grita-me de longe, do outro lado de um túnel negro: «Rita...» Aos poucos, as palavras ganham nitidez até que o volume sobe de repente e vejo a cara distorcida da Astrid.

— Rita! — repete, preocupada. — O *timbal de escalivada* é para ti, não é?

O empregado serve-me o prato, enquanto a Sònia enrola uma fatia de *carpaccio* de vitela, alheia a tudo. O Santi começa a comer o seu bife e o Gonçal fita-me durante um milésimo de segundo, antes de se virar de novo para fitar os lábios da Sònia.

Nem quero acreditar no que acaba de acontecer. Será que sonhei? Olho para o *gin* tónico à procura de uma explicação e depois procuro a Astrid, que me observa de soslaio entre a vergonha e o choque. Bebo o *gin* tónico de um trago.

Chega-me o cheiro a *fricandó* do colo, mais forte do que nunca. O som de uma torrada a estalar três mesas mais ao lado. De repente, como se o *timbal de escalivada* tivesse saltado do prato e me tivesse dado um chapadão na cara, desperto de tudo com uma dor que me deixa sem fôlego. Não consigo respirar.

— Venho já! — grito. Pego no telemóvel e saio.

Vou lá para fora e sento-me nas escadas cinematográficas. Começo a telefonar a toda a gente. Ligo ao Pol, que é quem está mais perto. Não atende. Ligo à Koeman, e não atende. Ligo à Marta, à Gemma, à Barranqueras, à Clara. Ninguém atende! Onde raio está toda a gente? Inspiro, expiro. Inspiro, expiro. A Astrid não sai.

Acaba de acontecer? De repente, sem qualquer tipo de explicação lógica, solto uma gargalhada profunda. Acaba de acontecer? Meto as mãos na boca e baixo-me rápido com a cara virada para baixo.

— Porra — digo em voz alta. — Porra para o que acaba de acontecer.

Olho à volta e sinto uma ansiedade estranha, como se acabasse de matar alguém e continuasse na cena do crime. Dou uma vista de olhos lá para dentro, mas a Astrid não sai. Na porta, leio a informação de um prémio: «Considerado um dos dez restaurantes mais românticos do planeta.» Fantástico. Tenho de me pirar daqui.

Desço as escadas e começo a andar. Tenho o cérebro petrificado, não consigo pensar em nada. Sinto tudo pesado, a roupa, os sapatos, as mãos.

Viro para aquelas ruelas que já não são bonitas, mas um maldito labirinto de pedras que não me deixam ver nada. Ao dobrar a esquina à esquerda, parece-me ver água; avanço. Ouço um apito. Atravesso uma rua onde está um grupo de adolescentes bêbedos que apontam para as minhas calças e me perguntam se me caguei. Penso que noutro dia teria sido ágil a responder, mas neste momento só tenho forças para caminhar. Chego a uma ponte feita com cruces de ferro vermelhas e avanço até meio, exausta, como se flutuasse, e sento-me no chão, deixando as pernas penduradas. Fecho os olhos. Tenho a cabeça a andar à roda. Acho que estou em estado de choque.

O telefone toca. É o Pol.

— Miúúúda! — grita, meio louco, com a música aos berros.

— Olá, Pol, olha... — Fico surpreendida com a calma na minha voz. — Podes emprestar-me o carro?

— Agora? Espera, não te estou a ouvir... O carro, agora? Mas não estás com a Astrid? — Afasta-se do barulho. — Fogo, estou em Palamós e são onze da noite. Onde estás?

— Estou em Girona. Por favor... — Segue-se um silêncio longo; o tom é tão distinto de mim que o assusto.

— Rita, estás bem? O que se passa?

— Sim, sim... Estou bem, agora não posso falar. Mas vem, por favor. Estou numa ponte do rio de Girona, é vermelha e tem umas cruces...

— Já sei qual é. Até já.

Não consigo mexer-me. Volto a abrir os olhos e vejo Girona refletida nos meus sapatos de verniz.

Pouco a pouco, faz-se silêncio. A roupa estendida decora a fileira de fachadas suspensas que se refletem no rio. Reparo numa casa bege com manchas de humidade; uma mãe e o filho ao colo despedem-se da cidade atrás da janela. Os postes de iluminação pública desenhavam círculos de vapor sobre a água. As luzes piscam e a cidade vai retirando a máscara de aguarela. Penso que as lâmpadas da ponte refletidas no rio me fazem lembrar um colar de luzes brancas, e que a brisa as expande e transforma em lágrimas. Lágrimas. Ainda não chorei. A catedral também me vem à ideia; lembro-me da escadaria imponente, de quando estava a tomar o primeiro *gin* tónico e pensei que era um dia bonito, mas não tenho forças para olhar para ela. A Astrid liga-me uma e outra vez. O Santi também. Nem rasto do Gonçal. Desligo o telemóvel. Desejo com todas as minhas forças que não me encontrem.

Baixo a cabeça e volto a observar o meu reflexo no rio. Olho para a camisola e as calças que preparei ontem à noite para vir aqui. «Ontem à noite» parece-me outro planeta que existiu há um milhão de anos. Acho que o facto de o *fricandó* não me ter chegado às cuecas é a melhor coisa que me aconteceu em todo o dia.

Volto a fechar os olhos. Só por um instante, mas o suficiente para vomitar em cima dos sapatos; e, enquanto limpo a boca com a manga, uma velha refila atrás de mim:

— Esta juventude hoje em dia... que pena, rapariga.

Fui uma estúpida. Desde que entrei na carrinha de manhã, fui uma estúpida. Desde que subi à casinha de madeira. Desde que o vi pela primeira vez, atrás daquele balcão do bar, e acreditei em tudo. Sou uma estúpida por ter pensado que, quando chegasse este momento, poderia controlá-lo. Quero que passem mil anos.

O Pol chega passada meia hora, um pouco assustado. Quando me vê, acalma-se e percebe que naquele momento não lhe vou contar nada, e também não se atreve a perguntar-me o que é a nódoa nas calças.

— Pol, se me tivesse cagado, não teria a nódoa à frente, caraças, mas atrás.

Comprou-me uma garrafa de água, dá-me vinte euros e tapa-me os ombros com um polo que só usa quando vai à pesca. Fede a sardinhas. Agradeço-lhe com a serenidade de quem dá os pêsames e peço-lhe para ligar à Astrid a avisar que me vou embora e não precisa de me ligar.

As cuecas ao sol

A minha avó sobe o último degrau do terraço e, como se fosse um guarda real que anuncia a chegada de um primo tonto, estende-me o telefone.

— É a Atri.

— A Astrid?

— Sim, raios partam, o que é que eu disse? Quer falar contigo. — Tapa o telefone com a mão e acrescenta, aos gritos: — Já não acredita que estás a montar a cavalo.

— A montar a cavalo?

De manhã, trouxe o pequeno-almoço para o terraço e disse-lhe que, se a Astrid ligasse, lhe dissesse que tinha saído. «Saído», assim, em geral, mas pelos vistos decidiu alimentar a desculpa.

— Não podes estar cinco horas no banho, Rita — resmunga. — Mas, se não queres atender, não atendas.

Não posso estar mais de acordo, mas também não posso evitar a Astrid eternamente. Sei que talvez esteja a exagerar, mas o facto de me ver sair à beira do colapso e ter decidido ficar com o Santi foi como cair de um quinto andar.

A Astrid diz um «olá» tímido e arrastado e começa a pedir-me desculpa: explica que pensou que seria um simples beijo na cara, porque ela também estava aos beijos com o Santi («Bravo, Astrid!») e que achava que eu ia fazer uma chamada e voltaria a entrar, que me enviou mil mensagens... e outras desculpas que de certeza que são verdade, mas que não me interessam.

— Agora já não tem importância — respondo.

Faz-se um silêncio longo e estranho. Depois, continua a dizer que na verdade toda a gente sabe que o Gonçal é um mulherengo — sinto uma pontada gélida nas costas —, e continua a tagarelar, preenchendo os meus silêncios, até que encontra uma forma de falar do Santi. De quão apaixonada está — estou prestes a desligar — e de que já não tem vontade de ir de viagem, porque não suporta a ideia de estar longe dele...

— Então, não vás. Que grande problema.

— Não posso, já tenho tudo pago e fechado. Se não for, perco a guita toda. Parto dentro de uma semana... — Continua com o que parece ser o prelúdio de um pranto romântico que reprime por compaixão. Após uma pausa dramática, acrescenta, como se me recomendasse um restaurante: — E porque é que não vais tu no meu lugar?

— Desculpa?

— Ia fazer-te bem distanciar-te, arejares... E seria perfeito, lá de certeza que aprenderias inglês de uma vez por todas!

— E quem é que te disse que me interessa aprender inglês?

— Bem, se não aprenderes, não acabas o curso.

— Como podes imaginar, neste momento, estou-me nas tintas para o curso. Nunca quis ser psicóloga.

— Mas sempre disseste que era um primeiro passo, um começo, uma oportunidade para encontrares aquilo de que realmente gostas.

— Mudei de opinião... — Silêncio, penso na América. — Além disso, já sabes que não ia sobreviver nem um dia com os ianques... Nem sequer saberia chamar um táxi...

— Bom, na verdade, «táxi» em inglês é quase igual... «*Taxi*».

Ah, ah, ah!

Então, minto e digo-lhe que tenho de desligar porque estão a chamar por mim no restaurante. Ela finge que acredita e combinamos ligar uma à outra mais tarde. Desligamos, tristes, porque, embora saibamos que num dia não muito distante voltaremos a rir-nos juntas, também sabemos que essa ligação blindada que nos uniu durante quatro anos começou a ganhar brechas.

Olho para o telemóvel com a esperança de encontrar uma chamada do Gonçal, uma mensagem de desculpa, um sinal. Fantasio com a possibilidade de, nalgum momento, sem me aperceber, ter comido a dose de bolo de marijuana de Maiorca que guardei no congelador e que tudo não tenha passado de uma má experiência. Mas a tristeza e a raiva são demasiado reais. Olho para o ecrã: há imensas chamadas da Astrid, duas do Santi e a resposta, inútil neste momento, de todas as pessoas a quem liguei ontem à noite, em pleno naufrágio.

Fecho os olhos e sinto o calor do sol que se infiltra nos lençóis que se agitam a secar ao ar. As cuecas da minha avó esvoaçam em contraluz. Penso que ficaria ali para sempre, a dormir ao relento, pedindo que me pusessem comida numa cesta que subiria com a roldana uma vez por dia. Como os contrabandistas. Contemplaria o céu noturno da Cerdanha e percorreria as figuras cósmicas com o olhar. Seria perfeito: teria a melhor vista do mundo e nunca mais saberia nada de ninguém. Bom, ou de quase ninguém...

— Avó, já podes sair, vejo os teus chinelos por baixo da cortina.

Num ato reflexo, esconde-se, como se eu não tivesse acabado de dizer precisamente o que acabei de dizer. De seguida, resmunga e, com um «filha da mãe», sai para o terraço com ar de ofendida. Pega numa cadeira de madeira, tira-lhe o pó com um trapo como se lhe desse uma sova e depois coloca-o por cima com cuidado, para não sujar a bata.

— O que é que essa... hummm... te disse?

— Nada. Disparates, desculpas. Além disso, ainda me diz que está tão apaixonada pelo namorado que não quer ir de viagem.

— Raios, que pouca delicadeza tem essa cachopa...

— Disse-me para ir eu de viagem aos Estados Unidos.

— Onde é que isso fica?

— Na América.

— Na América...

— Sim, avó, é onde fazem os filmes de *cowboys*.

— Ah...

Não faz a menor ideia. Ficamos algum tempo em silêncio e ouvimos os assobios da Asunción, que abre a porta para as vacas entrarem: «Vaaaca!» Entretanto, uma família de Barcelona comenta a cena com muito entusiasmo: «Meninooooos! Olhem as vacas, têm as coxas cheias de cocó!» «Cocóóóó! Que cheireete!»

A minha avó fecha os olhos, respira fundo e exala o ar. Sorri e lança:

— E porque é que não vais?

Fito-a e penso que enlouqueceu.

— Avó, não sabes o que dizes... — Fazemos uma longa pausa. Nesse momento, a única imagem dos Estados Unidos que me vem à cabeça é a de um episódio de *O Sexo e a Cidade* em que uma russa depila a pachacha inteira da Carrie, porque não percebe inglês. Eu seria essa russa. Todos os dias a depilar pachachas por engano. — O que é que vou lá fazer? Isso fica do outro lado do mundo, lá falam inglês e...

— E então? Achas que, quando vim da Andaluzia, sabia alguma coisa de catalão?

— De certeza que não... Bom, e agora também não... — Rio-me, sem resposta.

Está sentada com as mãos cruzadas sob o peito, o nariz a apontar para o sol e o sorriso intacto.

— E o que é que vais fazer, Rita...? Vais ficar aqui sentada, à espera de que esse tal Punsá te ligue? — Sabe que não vou responder e continua, agradecendo ao sol por lhe aquecer os ossos: — Isso não é amor, rapariga. O amor a sério, aquele que te cega e te queima, é uma torrente que leva tudo à frente, como o meu, que me fez deixar a minha família, os meus amigos... a minha vida.

Nunca a tinha ouvido falar assim. Referir-se ao seu passado sem dizer piadas. Mergulhamos num silêncio demasiado longo, aquele sorriso misterioso... Calo-me, consciente da oportunidade do momento. Até que de repente o corpo da minha avó detém-se, rígido, como se acabasse de dar de caras com uma Natalia que não via há muitos anos, com quem não costumava falar.

A Natalia que adora, porque é a alegria de todas as festas, a voz e a estrela dos cenários da Andaluzia. A juvenzinha que iluminava os que iam vê-la cantar e dançar às escondidas da mãe. E o reencontro é duríssimo.

Acaricia as mãos com muito cuidado, mas, pela primeira vez, não as observa com melancolia, como faz tantas vezes sem que a vejam, com lágrimas de raiva.

— Queria que eu casasse com o Granaíno, mas eu não queria... Só queria sair de Las Casillas, fugir da minha mãe. E amava o teu avô, não tinha olhos para mais ninguém... E ele... podes imaginar quão doido ficou quando me viu naquele palco com o meu vestido de lantejoulas a cantar o meu Carlos Gardel.

» Ai, coitadinho... — Uma lágrima resvala-lhe pelo canto do olho e percorre-lhe o rosto aveludado. — Eu era uma menina. Nem sequer tinha vinte anos quando saí de casa às escondidas com a mula, morta de medo. Peguei nos poucos tostões que tinha, deixei as chaves na porta e parti. Se a minha mãe me tivesse apanhado... — continua, imóvel, e vejo que a pele do braço se lhe arrepia até à nuca — matava-me, a minha mãe mata-me à paulada.

» Mas, quando vi o teu avô naquela noite, encolhidinho à porta da María, a Zarolha, à minha espera, soube que era a minha única oportunidade. Vir para a Catalunha com o teu padrinho foi a melhor decisão da minha vida. Deixar as minhas canções foi o mais duro que vivi, porque eu queria ser cantora de flamenco! Eu já *era* cantora de flamenco! Mas, se dessa forma podia estar longe da minha mãe, o fogão pareceu-me um paraíso. Tu sabes que tivemos muitas dificuldades. Passámos fome e frio, e situações pelas quais ninguém devia ter de passar. Mas vivi a minha vida como decidi, e juro-te por São Bento que voltaria a fazer tudo de novo. — Vira a cabeça. — Bem... quase tudo...

Arregala os olhos e beija a medalha que tem pendurada ao pescoço, onde ainda guarda a fotografia a preto e branco do seu casamento. Retira o lenço do *soutien*, deixando cair cinco euros, um pacote de açúcar e um talão de compras, e seca as lágrimas com a

mesma força com que limparia a lama dos sapatos da horta. Volta para trás e fita-me.

— Tu e o teu irmão são a minha alegria. Já sabes que faria tudo por vocês, mas há coisas que só a própria pessoa pode fazer. Tu ainda não sabes isso porque hoje em dia vocês, os jovens, não sabem o que é sofrer. A vida é uma maravilha, sim, uma maravilha! Mas nem tudo é folia, cachopa. A vida também é madrasta e magoa. Mas o que não podes permitir é que seja outra pessoa a tomar as rédeas da tua vida. E muito menos esse desavergonhado. — Apoia-se numa perna, aperta o punho com força e fita-me. — Não me restam muitos anos, filha, mas quando olho para trás sinto-me orgulhosa do que fiz. — Fica com um nó na garganta; por um momento, parece que não consegue continuar. — Aproveita a sorte que te calhou! Tens de agarrar na tua vida! Devorá-la! E não vais conseguir isso aqui sentada no terraço, a ver como secam as cuecas ao sol! — Pega-me nas mãos com força. — Vai-te embora! Parte à procura da tua vida, encontra o que te faz realmente feliz, porque, quando quiseses regressar, estaremos aqui à tua espera.

O céu, de um azul opaco, faz soprar uma suave brisa que embala as margaridas e faz voar os guardanapos. A minha avó levanta-se e caminha até ao parapeito, apoia os braços sentindo uma dor ligeira e observa o horizonte.

Está sozinha. Longe de mim, longe de tudo.

Aos poucos, o seu corpo, enferrujado e teimoso, esboça uma dança de gestos que resgata de um lugar distante da sua memória motora. De quando era artista. De quando a vida fervilhava no seu sangue. Uma aura antiga envolve-lhe o corpo e eleva-lhe a alma. Não a reconheço.

Estica os dedos, que por um instante se esquecem da dor, e observa as mãos como se acabasse de se reencontrar com duas velhas amigas. De repente, regressa aos dias de luz e êxito. A Natalia regressa ao palco.

Levanta as mãos ao ar e arqueia os pulsos, como se os desperdasse. Ergue a cabeça com um sorriso imenso que oferece ao sol e,

pela primeira vez na vida, com uma voz tão profunda e impressionante como uma tempestade, ouço-a cantar:

*Yo adivino el parpadeo
de las luces que a lo lejos
van marcando mi retorno.
Son las mismas que alumbraron
con sus pálidos reflejos
hondas horas de dolor.*

[...]

*Volver con la frente marchita,
las nieves del tiempo platearon mi sien.
Sentir que es un soplo la vida,
que veinte años no es nada,
que febril la mirada, errante en las sombras
te busca y te nombra.
Vivir con el alma aferrada
a un dulce recuerdo
que lloro otra vez.*

[...]

*Pero el viajero que huye
tarde o temprano detiene su andar
y aunque el olvido, que todo destruye,
haya matado mi vieja ilusión
guardo escondida una esperanza humilde
que es toda la fortuna de mi corazón...*

Uma águia plana sobre um campo de papoilas. É quase meio-dia; a luz chega às cornijas das casas da quinta e às copas das árvores e à roupa estendida dos vizinhos. É uma cena lindíssima..., mas não a vejo.

Não vejo a águia, nem as papoilas, nem as cornijas das casas das quintas, nem a roupa estendida dos vizinhos. Porque só a vejo a ela.

Quem é esta mulher?

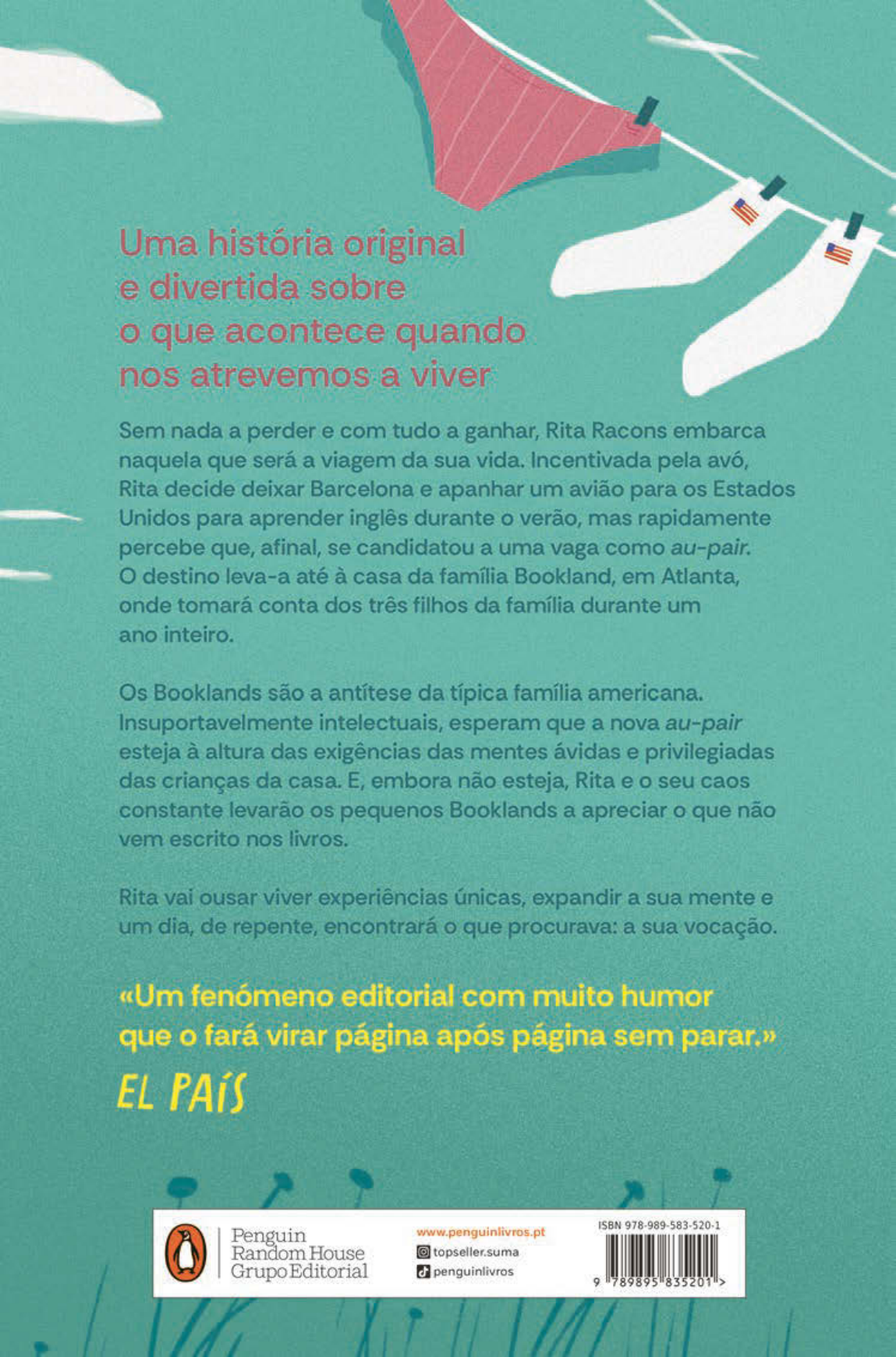
Onde esteve todo este tempo?

Observo-a, e juraria que a vi levitar. Ainda ao pé do parapeito do terraço, devolve ao sol os movimentos de juventude emprestados e agradece-lhos com um último sorriso.

A minha avó regressa, vestida com o avental cinzento gasto e as alpercatas da horta. E a dor. E a entrega.

Vira-se e olha para mim. Uma paz impressionante excedeu a nostalgia e o rancor. Fez as pazes, talvez com o passado, talvez consigo própria. Ignora o facto de eu ter o rosto cheio de lágrimas e a alma desnorteada. Ignora a ligação brutal entre nós, as palavras, a arte e a sua voz. Limita-se a fitar-me e, envolta pelo sol do verão, diz-me:

— Tu não és uma viajante em fuga, minha menina. Tu vais viajar porque vais à procura de ti própria.



Uma história original e divertida sobre o que acontece quando nos atrevemos a viver

Sem nada a perder e com tudo a ganhar, Rita Racons embarca naquela que será a viagem da sua vida. Incentivada pela avó, Rita decide deixar Barcelona e apanhar um avião para os Estados Unidos para aprender inglês durante o verão, mas rapidamente percebe que, afinal, se candidatou a uma vaga como *au-pair*. O destino leva-a até à casa da família Bookland, em Atlanta, onde tomará conta dos três filhos da família durante um ano inteiro.

Os Booklands são a antítese da típica família americana. Insuportavelmente intelectuais, esperam que a nova *au-pair* esteja à altura das exigências das mentes ávidas e privilegiadas das crianças da casa. E, embora não esteja, Rita e o seu caos constante levarão os pequenos Booklands a apreciar o que não vem escrito nos livros.

Rita vai ousar viver experiências únicas, expandir a sua mente e um dia, de repente, encontrará o que procurava: a sua vocação.

**«Um fenómeno editorial com muito humor
que o fará virar página após página sem parar.»**

EL PAÍS



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN 978-989-583-520-1



9 789895 835201 >